

DECODIFICAÇÃO

I - Introdução

II - Diferentes estratégias para ensinar a decodificar

III - Como ensinar a decodificar usando métodos fônicos

FLUÊNCIA

## I - INTRODUÇÃO

- A essência da alfabetização
- A importância de ensinar a decodificar

### ■ A essência da alfabetização

A essência da alfabetização – o processo de aprender a ler – reside na capacidade de identificar palavras, independentemente de seu sentido. Uma pessoa que sabe ler, sabe ler qualquer palavra, independentemente de seu sentido. Com os conhecimentos do código ortográfico de uma língua, ela será capaz de ler qualquer palavra dessa língua e escrevê-la de forma ortograficamente correta.

Para ler corretamente, o aluno precisa identificar palavras de forma automática. Para automatizar a leitura, ele precisa ler várias vezes a mesma palavra. Para ler várias vezes a mesma palavra, precisa ser exposto à mesma palavra com alguma frequência. Isso requer duas condições:

- primeiro, que o texto seja apropriado, quer dizer, que o aluno consiga lê-lo;
- segundo, que o texto apresente a palavra que o aluno vem tratando de automatizar.

A automatização se torna possível pela formação de representações físicas das formas da palavra que se tornam gravadas nas estruturas no cérebro. Essas estruturas são reforçadas por exposições múltiplas e frequentes a uma palavra. Normalmente, um aluno desenvolve essas estruturas após 4 ou 5 repetições, espaçadas, de uma palavra que ele consegue identificar. Para que ocorra esse processo de identificação da palavra pelo cérebro, de forma independente e autônoma, o aluno

precisa, no primeiro momento, se mostrar capaz de decodificar a palavra. Ou seja: o aluno primeiro aprende a decodificar, depois vai automatizando a leitura da palavra, para depois ler automaticamente, sem precisar decodificar. O bom leitor vai voltar a usar a decodificação só para identificar uma palavra nova e difícil. As demais serão reconhecidas automaticamente.

Existem diversas maneiras de identificar palavras: como imagens, pelo sentido, por adivinhação, por analogia com palavras conhecidas, etc.

Imagine que só aprendêssemos todas as palavras decorando-as uma por uma. Cada palavra teria que ser memorizada. Com muito esforço aprenderíamos a identificar algumas centenas, talvez poucos milhares delas. Poderíamos até usar palavras conhecidas e o contexto das leituras para aprender algumas novas palavras. Mesmo que isso funcionasse bem – e sabemos que não funciona – ainda assim teríamos problemas para identificar palavras novas. Estaríamos sempre dependentes de algo – do contexto da leitura ou de alguma explicação. Tanto a aprendizagem da leitura quanto a leitura seriam extremamente ineficientes.

Somente a decodificação permite ao leitor tornar-se totalmente autônomo e independente de figuras, ilustrações, contextos ou outro tipo de pistas.

Vale repetir: uma coisa é identificar a palavra, outra coisa é identificar o sentido da palavra. Os bons leitores identificam as palavras automaticamente, estão habituados a ler. Os bons leitores usam o contexto para ajudar a identificar o **sentido** da palavra. Já os maus leitores identificam a palavra usando o contexto: como não sabem decodificar e não possuem estratégias para ler palavras automaticamente, eles empregam sua atenção e memória para identificar as palavras usando pistas do contexto – e com isso não sobra memória e capacidade mental para compreender o sentido das palavras.

Decodificar significa usar o princípio alfabético utilizando conhecimentos sobre as relações entre letras e sons para transformar sons em letras (escrever) e letras em sons (ler). O que permite a decodificação é o fato de que essas relações são sistêmicas e muito predizíveis. Nos dois capítulos anteriores tratamos dos pré-requisitos para a alfabetização. Depois que a criança consegue identificar os sons nas palavras e as letras que os representam ela está pronta para aprender as regras do código alfabético.

A aprendizagem do código alfabético nos permite ler qualquer palavra, conhecida ou nova. O termo decodificação refere-se à capacidade de decifrar, “quebrar” o código alfabético, descobrir como ele funciona para que o aluno consiga ler e escrever qualquer palavra. Quebrar o código significa aprender a usar os conheci-

mentos sobre as relações entre letras e sons para identificar palavras conhecidas de maneira precisa e automática, bem como para “identificar” palavras novas ou desconhecidas. Decodificar implica transformar sons e letras e letras em sons, aplicando as regras do código alfabético. É só dessa forma que podemos nos tornar leitores independentes e autônomos.

O ensino da decodificação, ou seja, o conhecimento prático das relações sistemáticas entre letras e sons, se chama fônica. Mas há muitas outras palavras usadas no mesmo sentido:

- relações grafo-fonêmicas;
- associações entre letras e sons;
- correspondências entre letras e sons;
- correspondências entre sons e símbolos;
- correspondências entre sons e letras.

A expressão “método fônico” refere-se a qualquer método que, de uma forma ou outra, explícita, de forma mais ou menos sistemática, as relações ou correspondências entre letras e sons.

Visto de outra forma: o sistema alfabético não passa de uma estratégia mnemônica, de uma regra bastante consistente que nos permite ler qualquer palavra sem precisar decorar a sua forma – basta saber algumas regras para fazer a correspondência entre sons e letras.

## ■ A importância de ensinar a decodificar

Estudos científicos sobre práticas de alfabetização bem sucedidas comprovaram a necessidade e as vantagens do ensino sistemático e explícito da fônica:

- é mais eficaz do que o ensino não sistemático ou do que não ensinar fônica;
- está fortemente associado com a capacidade de o aluno reconhecer e soletrar palavras – habilidades fundamentais para ler e escrever;
- aumenta significativamente a capacidade de compreensão;
- é eficaz para alunos de todos os níveis sócio-econômicos;
- é especialmente eficaz para alunos provenientes de ambientes desfavorecidos do ponto de vista sócio-cultural;
- é mais eficaz quando introduzido logo no início do processo de alfabetização.

A outra vantagem do ensino sistemático e explícito dessas relações entre letras e sons foi mencionada na introdução. Quando o aluno aprende a estabelecer relações entre algumas letras e seus sons, por exemplo, as vogais a e i e o som /l/, ele consegue decodificar várias palavras, como **la, li, ala, ali, ila, lai, lia, Lalá, Lilá, Lili, Lali**, etc. Se ele recebe material de leitura que contém essas palavras, poderá ser capaz de decodificá-las. Assim, essa palavra vai sendo gravada em seu cérebro. A exposição espaçada, isto é, em diferentes oportunidades, e repetida de 4 a 5 vezes, a uma mesma palavra, ajuda a registrar a forma da palavra no cérebro; a partir daí o aluno já vê a palavra e torna-se capaz de identificá-la automaticamente. O aluno passa da decodificação à automatização no reconhecimento da palavra.

As demais tarefas de leitura passarão a se concentrar na apreensão do sentido. Até conseguir fazer isso com qualquer palavra nova, o aluno precisa não apenas conhecer a regra geral – de que existem correspondências entre palavras e sons – mas conhecer as regras que valem para as várias letras. Primeiramente, aprendendo as relações mais regulares e as mais freqüentes (o som /e/ átono como em *pede, fede*, etc.) depois aprendendo as menos freqüentes e as raras combinações irregulares. Daí a importância de um ensino não apenas explícito dessas relações, mas de um ensino sistemático.

DECODIFICAÇÃO

I - Introdução

II - Diferentes estratégias para ensinar a decodificar

III - Como ensinar a decodificar usando métodos fônicos

FLUÊNCIA

## II - DIFERENTES ESTRATÉGIAS PARA ENSINAR A DECODIFICAR

- Estratégias para ensinar a decodificar
- O método mais eficaz: sintético, sistemático e explícito
- Porque e como métodos de instrução fônica aumentam a eficácia da alfabetização: os modelos explicativos
- Fônica e metafônica

### ■ Estratégias para ensinar a decodificar

A rigor, decodificar envolve usar as regras de conversão próprias ao sistema alfabético, ou seja, a conversão de letras em sons. Portanto, o método alfabético, ou método do bê-a-bá, não se configura como um método de decodificação, pois ele se baseia em relacionar o nome das letras (be + a = ba, be + e = be, etc.). De fato, o método funciona, pois muitas pessoas, durante séculos, aprenderam com esse método. Mas, sabidamente, trata-se de um método pouco eficiente e que exige muito esforço das pessoas.

Da mesma forma, o método global muitas vezes se converte num método alfabético. Mas uma diferenciação é importante. Quando o método global decompõe uma palavra em sílabas, o aluno está, de certa forma, relacionando sons com um conjunto de letras (duas ou mais). Trata-se de um método fônico imperfeito, pois não chega ao nível mais básico da análise, que é o nível do fonema. Ignorar o fonema, por ser muito pequeno ou abstrato, é o mesmo que ignorar a existência de bactérias, por serem microscópicas. Além disso, o método global-silábico não ajuda o aluno a ler palavras com ditongos – só mais tarde o aluno acaba desco-

brindo essas relações. Obviamente, o método da silabação pode funcionar, mas possui graves limitações, e a experiência mostra que sua eficácia é muito menor do que a de métodos de base fônica.

Existem inúmeras estratégias para ensinar a decodificar usando o princípio fônico – ou seja, o que permite relacionar fonemas com letras para identificar o som das palavras. As mais conhecidas são:

- **Fônica sintética**  
Os alunos aprendem a converter letras e combinações de letras em sons e a misturar sons para formar palavras.
- **Fônica analítica**  
Os alunos aprendem a analisar relações entre letras e sons a partir de palavras conhecidas. Eles não aprendem os sons isoladamente.
- **Fônica analógica**  
As crianças aprendem a usar partes de famílias de palavras para identificar palavras novas com partes semelhantes às palavras já conhecidas.
- **Fônica através da escrita**  
Os alunos aprendem a analisar (decompor) palavras em fonemas e a formar palavras escrevendo as letras que representam os fonemas.
- **Fônica contextualizada**  
Os alunos aprendem relações específicas entre letras e sons a partir da leitura de textos. Este método não permite o ensino sistemático ou explícito, pois um texto apresenta diferentes relações entre letras e sons.
- **Fônica pela silabação**  
Os alunos aprendem a identificar o som da primeira consoante com a vogal (/b/a/= ba), até formar a palavra.

### ■ O método mais eficaz: sintético, sistemático e explícito

Esses métodos não oferecem resultados idênticos. Uma revisão de centenas de estudos científicos comparando o uso de diferentes métodos, realizada no contexto do trabalho do National Reading Panel, publicado no ano 2.000, revela a superioridade dos métodos fônicos sobre métodos do tipo global, os quais levam o aluno a usar o contexto para identificar a palavra, e métodos que, de modo geral, minimizam ou relativizam a importância do ensino das correspondências entre sons e letras. Segundo esse estudo, os métodos mais eficazes são aqueles que:

- proporcionam o ensino sintético, sistemático e explícito das relações entre fonemas e grafemas;
- ensinam um número razoável de correspondências entre fonemas e grafemas.

Vamos explicar cada uma dessas afirmações.

O ensino das relações entre fonemas e grafemas é mais eficaz quando usa métodos fônicos sintéticos. Todo o processo de decodificação envolve um processo de análise (decompor) e síntese (juntar). Por exemplo, diante de uma palavra o aluno tem que a decompor em seus componentes menores, até chegar aos fonemas representados pelas letras. É isso que fazemos, por exemplo, quando estamos aprendendo a escrever. Esta é a atividade de análise. Da mesma forma, o aluno que está aprendendo a ler uma palavra precisa juntar os sons que vai formando, a partir da união entre vários fonemas que ele identifica nas letras ou grafemas. Esta é a atividade de síntese. O aluno aprende os sons dos fonemas (uma abstração, como vimos) e usa esse conceito para identificar os sons representados pelas letras (ou dígrafos) e ler uma palavra. É nisso que consiste o ensino sintético. Os métodos que usam essas técnicas de ensino de leitura mostram-se mais eficazes do que os demais – mas raramente um método utiliza apenas essa técnica.

Além de sintético, o ensino fônico deve ser sistemático. Isso significa que o aluno deve aprender um número razoável de relações entre vogais e consoantes. Ele não precisa aprender todas as relações, mas precisa aprender várias delas. Sistemático é o contrário de incidental, casual. No ensino casual dessas relações – como preconizado por exemplo pelos PCNs, no Brasil, ou pelos métodos que sugerem a alfabetização a partir de textos chamados "autênticos" – o aluno aprende a estabelecer essas relações, mas o faz de forma desorganizada, em função das palavras que aparecem no texto. Na prática, como o aluno não conhece a maioria das relações entre os fonemas e grafemas usados nas palavras do texto – já que se trata de um texto que não foi feito para ensinar a ler – três coisas costumam ocorrer. Primeiro, o aluno aprende a adivinhar o sentido das palavras e a usar o contexto para identificá-las, tornando-se um leitor dependente, lento, e, conseqüentemente, um mau leitor. Segundo, fica desorientado – ora usa processos de decodificação, quando encontra palavras simples que ele consegue decodificar, ora usa adivinhação. Isso também compromete sua capacidade de leitura. Terceiro, o ensino se torna arbitrário – o professor elege alguns sons para o ensino, em função de sua ocorrência no texto, e não das necessidades dos alunos.

O termo sistemático também tem outra conotação prática importante: a estrutura e seqüência do ensino deve obedecer a algum critério. Existem vários critérios,

por exemplo, vogais e consoantes; sons mais regulares; sons mais freqüentes, independentemente da dificuldade; sons fricativos – que são mais fáceis para exercícios de síntese antes dos sons oclusivos.

Há várias maneiras de apresentar as relações entre letras e sons. No Programa Alfa e Beto, por exemplo, essas relações são apresentadas da seguinte forma:

- primeiro as vogais, que permitem ao aluno formar diversas palavras, usar ditongos e hiatos e formar sílabas com as vogais;
- depois algumas consoantes contínuas, que são mais fáceis para o aluno “emendar” com vogais, como **l, f, m, v, n**;
- algumas consoantes muito usadas que permitem formas muitas palavras: **b, t, d, p**;
- **s** e **r** iniciais e finais;
- demais letras, com seus sons mais característicos;
- os diversos sons de letras como **s** e **c**;
- dígrafos (**ch, lh, nh**);
- encontros consonantais.

Para que o aluno aprenda o princípio da decodificação não é necessário que ele aprenda todas as relações entre fonemas e grafemas. Com base em algumas relações, muitos alunos podem deduzir, com bastante probabilidade de acerto, o comportamento de muitas consoantes em relação a outras vogais ou mesmo em relação a outras consoantes. Em muitos casos isso é o suficiente para o aluno começar a progredir rapidamente na leitura – esbarrando apenas em relações mais imprevisíveis, irregulares ou em palavras mais longas.

Já no que se refere à escrita, a decodificação permite ao aluno soletrar (codificar um som ouvido em letras), e as possibilidades de solução costumam ser muito maiores; daí a maior dificuldade da escrita e a necessidade de maior familiaridade com um maior número de correspondências.

Finalmente, métodos fônicos mais eficazes são explícitos. O ensino das correspondências é organizado de forma a levar o aluno a refletir explicitamente sobre as relações entre fonemas e grafemas – e não concentrar-se exclusivamente no sentido ou uso social de textos. Analisar e entender a estrutura da língua, a começar da estrutura da palavra, torna-se um objetivo explícito e fundamental da alfabetização.

Para propiciar o ensino fônico eficaz, a escolha de palavras e textos obedece a princípios diferentes dos que norteiam outros tipos de texto. O texto para ensinar

a ler é um texto do gênero didático. Portanto, obedece a características gerais do gênero didático e a características específicas do processo da alfabetização e das exigências do método fônico.

Esses textos – ou mesmo palavras – são regidos pelas exigências da decodificação e, portanto, devem conter palavras que o aluno seja capaz de decodificar. Se o texto contiver outras palavras, estas devem ser ensinadas previamente ou ilustradas com figuras, para que o aluno concentre sua atenção nas palavras que ele consegue decodificar.

O uso tradicional de cartilhas foi e é muito criticado, especialmente no Brasil. Essas críticas possuem algum fundamento, mas nem sempre são corretas, pois raramente atingem o problema central da maioria das cartilhas existentes no Brasil. Analisemos, inicialmente, as críticas mais frequentes.

A crítica mais freqüente às cartilhas aponta que elas apresentam uma linguagem artificial e pobre, com textos que só existem na escola, não existem no mundo real, não possuem uso social. Essa crítica contém um pouco de verdade; realmente, muitos textos de cartilha soam como artificiais. Mas essa constitui apenas meia verdade.

Primeiro, a escola faz parte do mundo real, e contém exigências e instrumentos próprios de trabalho – livros didáticos, exercícios, dever de casa, etc., são exigências do mundo real da escola. Negar essa realidade significa negar a função social da escola. Se a função da escola é ensinar, e se determinado tipo de recurso – letra, palavra, sílaba, pseudopalavra etc. – é necessário ou útil para promover a aprendizagem, esse texto assume uma função social. Esse tipo de argumento tem alvo errado.

Segundo, é preciso não confundir linguagem artificial com linguagem adequada. A lógica utiliza linguagem artificial, o mesmo ocorre com a matemática e com tantos outros sistemas de representação simbólica. Textos didáticos – em todos os níveis – utilizam certas liberdades com a linguagem para simplificar conceitos e torná-los compreensíveis. Ser artificial, por si só, não constitui demérito.

Terceiro, linguagem pobre não é o mesmo que linguagem simples. Para o aluno que esteja concentrando sua atenção em decodificar palavras, quanto menos perturbação houver no texto, mais ele conseguirá progredir na decodificação.

Esses três argumentos não justificam a escolha de alguns textos usados em cartilhas, que efetivamente padecem de maior inspiração. Mas também não tiram a validade de usar textos construídos para determinadas finalidades didáticas. Os melhores sistemas de ensino de língua estrangeira, por exemplo, são useiros e vezeiros desses tipos de texto.

O segundo argumento contrário ao uso de cartilhas decorre da falta de importância que os críticos das cartilhas atribuem ao ensino explícito e sistemático da decodificação. Como para eles a decodificação não é importante, ela não deveria ser ensinada de maneira explícita e sistemática. Como conseqüência, não se justifica usar ou produzir textos especificamente para esse fim. Essa crítica, como vimos, não encontra fundamentos nas evidências científicas a respeito da importância da decodificação.

O terceiro argumento dos críticos das cartilhas refere-se menos ao fato de se usarem cartilhas, mas ao fato de que, quando se usam apenas cartilhas para alfabetizar, o aluno fica privado de um conjunto mais rico de textos e leituras. Este argumento é correto, mas em nenhum momento invalida o uso de cartilhas.

A verdadeira crítica às cartilhas existentes no mercado editorial brasileiro ainda permanece por fazer. Trata-se de analisar em que medida essas cartilhas efetivamente promovem o ensino da decodificação de maneira adequada e em que medida os textos que utilizam – reais ou didáticos – facilitam esse processo. Uma análise de pouco mais de 30 cartilhas, realizada de maneira informal pelo autor e alguns colegas, sugere que tanto as cartilhas que usam "textos autênticos" quanto as cartilhas que usam textos didáticos cometem dois erros semelhantes:

Primeiro, os textos não guardam relação com o objetivo do ensino da decodificação.

Segundo, as atividades propostas aos alunos não revelam uma intenção pedagógica sistemática – e dificilmente seriam capazes de promover um domínio adequado de competências de decodificação.

Uma análise profissional e rigorosa deve indagar se a cartilha possui uma estrutura e seqüência que permitam um ensino explícito, sistemático e sintético da decodificação.

Uma das críticas dos defensores dos métodos não sistemáticos do ensino de fônica é que a instrução fônica atrapalha a compreensão. Mas a evidência científica aponta na direção contrária. Os alunos que aprendem pelo método fônico adquirem maior capacidade de identificar as palavras, o que aumenta sua capacidade de compreender o que lêem. Quando a criança lê com precisão e automaticidade pode concentrar sua atenção no sentido.

Outra crítica freqüente ao ensino de fônica é que ela retarda a aprendizagem da leitura. Novamente nesse aspecto a evidência científica é francamente favorável ao ensino da fônica: ela contribui para o crescimento da capacidade de leitura de todos os alunos, e sobretudo dos que chegam à escola com menor experiência lingüística.

## ■ **Porque e como métodos de instrução fônica aumentam a eficácia da alfabetização: os modelos explicativos**

Para entender a importância do ensino de fônica torna-se fundamental compreender como as pessoas identificam as palavras. Muitas das críticas aos métodos fônicos decorrem de uma compreensão equivocada do processo de aprendizagem da leitura.

Os estudiosos dos processos de leitura dividiram-se, ao longo das últimas cinco décadas, em dois campos opostos – refletindo diferentes perspectivas teóricas a respeito de como ocorre o processo de identificação de palavras.

O primeiro grupo explicava o reconhecimento de palavras como um processo exclusivamente fonológico. Vários autores propuseram diferentes modelos para explicar o que ocorreria no cérebro; um dos modelos mais conhecidos foi proposto no início da década de 70 por Philip Gough. Segundo esse modelo, a informação visual é registrada como um ícone: as palavras seriam processadas como imagem. Essa imagem ficaria retida na memória de curto prazo enquanto estivesse sendo processada. No cérebro, atuaria (1) um equipamento para reconhecer a informação contida nessa imagem. Esse equipamento cerebral teria capacidade para identificar os grafemas (letras). Outro mecanismo (2) chamado decodificador converteria os grafemas em fonemas, gerando no cérebro uma representação fonológica. Essa representação fonológica seria examinada por (3) um bibliotecário mental, que compararia essa representação fonológica com outras "entradas" que estivessem registradas nesse dicionário mental.

Esse tipo de modelo, denominado de-baixo-para-cima, pois parte das palavras para a compreensão, tem implicações claras para a alfabetização: a leitura passa pelo processo de decodificação. Diversas observações simples (por exemplo, a incapacidade de o modelo explicar como aprendemos a distinguir duas palavras homófonas, como concerto e conserto) e inúmeros estudos de caráter experimental forçaram os proponentes desses modelos a buscar explicações mais adequadas.

Outro tipo de modelo explicativo partia do outro oposto: ler significa reduzir incertezas. Os mais conhecidos proponentes desse modelo são B. Goodman e F. Smith. Segundo o modelo proposto por esses autores, para ler, o leitor usa várias pistas sobre a estrutura e sentido do texto. O reconhecimento de palavras seria um "jogo psicolinguístico de adivinhação". Palavras e letras constituem mediadores – que podem ser usados em caso de necessidade. Mas, segundo esses modelos, os

leitores identificam o sentido do texto antes de identificar as palavras individualmente. Os proponentes desse modelo vão mais além e afirmam que enfatizar unidades sublexicais (sílabas, letras, fonemas) converte a linguagem em algo arbitrário e desconexo, o que dificultaria ou mesmo impossibilitaria o processo de alfabetização. Outros autores que compartilham dos fundamentos desse modelo, como Emília Ferreiro, sugerem outros mecanismos para reduzir a incerteza: a criança faz hipóteses e as testa para compreender a estrutura e sentido de um texto.

Embora gozem de enorme popularidade no Brasil, esses modelos, conhecidos como modelos de-cima-para-baixo, não possuem validade científica, já que seus pressupostos e fundamentos foram desconfirmados através de diversos experimentos cujos resultados foram compilados no trabalho de Adams (1990).

A busca de uma explicação mais adequada para o processo de identificação de palavras levou à formulação do terceiro tipo de modelos – os modelos interativos. O mais conhecido foi proposto por Stanovich em 1980, mas existem diversas versões com adaptações e explicações mais detalhadas. Esses modelos constituem o paradigma científico reconhecido internacionalmente como o que oferece a explicação mais adequada para os processos de identificação de palavras.

O modelo de-baixo-para-cima privilegiava exclusivamente a via fonológica. O modelo de-cima-para-baixo privilegiava exclusivamente a via lexical. Os modelos interativos resgatam a importância da fonologia no reconhecimento das palavras, mas reconhecem o valor de informações de natureza ortográfica, semântica, sintática e pragmática. Segundo a explicação de Stanovich, o processamento das palavras escritas envolve a ativação **simultânea** de todos esses tipos de informação. Isso quer dizer que, diante de uma palavra, um leitor já formado (não um aluno em processo de alfabetização) utiliza todas as capacidades mentais associadas a esses mecanismos para identificar a palavra.

Os modelos interativos diferem dos anteriores em quatro aspectos. Primeiro, reconhecem que há duas vias ou duas rotas: ortográfica e fonológica. Segundo, reconhecem que ambas atuam o tempo todo. Terceiro, reconhecem que ambos os mecanismos contribuem tanto para o reconhecimento das palavras como para a compreensão do sentido. E quarto, e mais importante: reconhecem que o papel desempenhado por esses mecanismos, e pelas informações que eles agregam ao processo de leitura, varia em função de alguns fatores, tais como a habilidade da leitura, a familiaridade do leitor com as palavras e a natureza da tarefa.

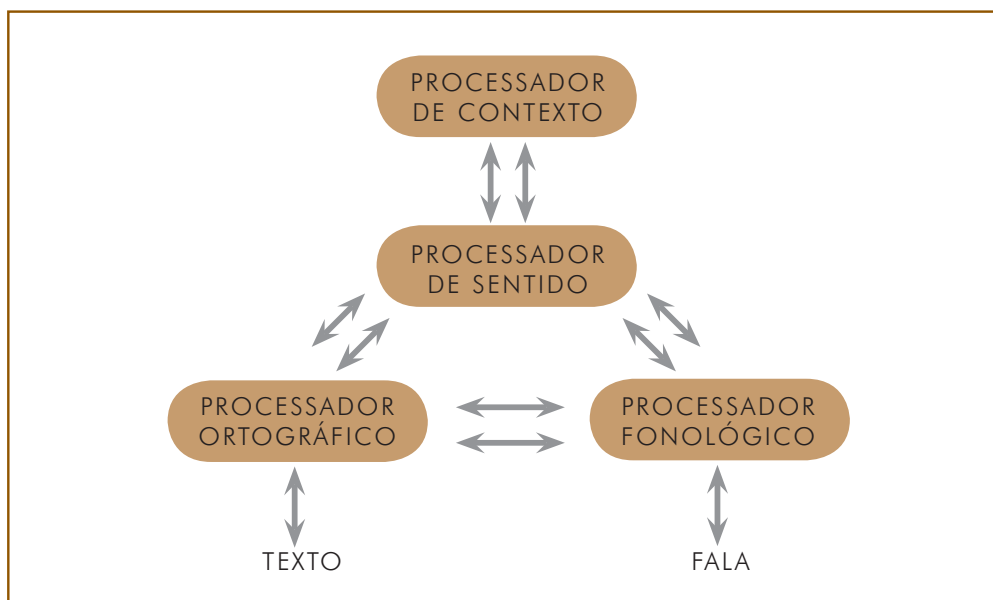
As pesquisas desenvolvidas a partir desse paradigma levaram a algumas conclusões que hoje constituem objeto de consenso entre os estudiosos do ramo. Eis as conclusões mais relevantes para a prática da alfabetização:

- os leitores iniciantes se apóiam, sobretudo, nos processadores fonológicos para identificar palavras;
- os leitores proficientes identificam automaticamente as palavras e, quando em dificuldade, utilizam pistas ou processadores fonológicos para decodificá-las, extraindo dessa forma seu som;
- os leitores proficientes utilizam o contexto e outras pistas para compreender o sentido das palavras ou textos, não para identificar a palavra;
- os maus leitores dependem do contexto e outras pistas que não as pistas fonológicas para identificar as palavras – o que prejudica sua compreensão.

O modelo desenvolvido por Adams vem ilustrado na Figura 1, que sintetiza os conhecimentos científicos disponíveis sobre a importância da decodificação e a relação entre as diversas rotas e processadores. Os processadores fonológicos possuem a mesma importância que os processadores ortográficos e agem de forma interativa. Uma vez identificada, a palavra é avaliada pelo processador de sentido, que pode se valer de pistas do contexto para ajudar na compreensão.

**Figura 1**

MODELO DE ADAMS



FONTE: Adams, 1990.

A conseqüência pedagógica desse modelo é óbvia: a decodificação representa um elemento indispensável e essencial para desenvolver a capacidade de processamento fonológico e, dessa forma, contribuir para a formação de um leitor autônomo. Ela é fundamental para o momento da identificação das palavras, mas também auxilia em sua compreensão.

Evidências adicionais sobre a importância da rota fonológica decorrem dos estudos realizados com crianças portadoras de dificuldade de leitura: a falta de consciência fonêmica dificulta o desenvolvimento da leitura e da escrita, apresenta problemas para representar estímulos verbais fonologicamente, bem como dificuldades para recuperar informações fonológicas armazenadas na memória. Muitos dos problemas rotulados como “dislexia” podem ser evitados ou corrigidos com o uso de procedimentos adequados no processo de alfabetização.

Métodos de ensino que ignoram ou minimizam a importância do ensino da decodificação – em detrimento da compreensão – não apenas acentuam as dificuldades de alfabetização de alunos portadores de dificuldade, mas acabam contribuindo para aumentar a quantidade de alunos com dificuldade de leitura.

## ■ Fônica e metafônica

O termo metafônica foi empregado pela primeira vez pelo professor alfabetizador e autor Wiley Blevins (1998, p. 88). Segundo esse experiente professor, três conceitos resumem um bom ensino de fônica: ativo, social e reflexivo. Em outras palavras: o aluno deve saber **o quê** está fazendo, **por quê** está fazendo e **como está** progredindo. O termo metafônico expressa a combinação entre o princípio fônico e o conceito de metacognição. O professor nunca deve perder de vista seu objetivo – que é ensinar os alunos a ler. O objetivo da instrução fônica não é ensinar a soletrar palavras ou identificar sons em palavras. O objetivo último da instrução fônica é ensinar os alunos a reconhecerem as palavras de forma rápida e automática, de modo a concentrar sua atenção na compreensão do texto. A técnica de reconhecimento das palavras e a reflexão sistemática e organizada sobre as relações entre letras e sons é fundamental para uma boa aprendizagem da leitura.